

ONDE FICA O SUBÚRBIO CARIOCA?

Limites territoriais suburbanos no Rio de Janeiro do século XIX ao XXI.

WHERE IS THE SUBURB IN RIO DE JANEIRO?

Suburban territorial limits from the 19th to the 21st century.

A. Livia Perfeito

*Universidade Federal Fluminense, Brasil
liviaperfeito@gmail.com*

RESUMO

O artigo tem como objetivo principal investigar os limites territoriais do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. A pesquisa foi realizada através de levantamento bibliográfico da história urbana da cidade, tendo como foco os dados encontrados sobre os limites territoriais suburbanos do século XIX ao século XXI. Foi entendido que tanto os limites territoriais suburbanos, quanto o significado da palavra subúrbio foram se modificando ao longo da história urbana da cidade do Rio de Janeiro. Como resultado, entende-se que atualmente o subúrbio carioca é um território de limites flexíveis, não sendo possível definir com exatidão o seu perímetro. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Palavras-chave: Urbanismo – Rio de Janeiro, Subúrbios – Rio de Janeiro, História Urbana

Linha de investigação: Cidade e Projeto.

Tópico: Morfologia urbana.

ABSTRACT

The main objective of the article is to investigate the territorial limits of the suburb of the city of Rio de Janeiro, RJ, Brazil. The research was carried out through a bibliographic survey of the urban history of the city, focusing on the data found about the suburban territorial limits from the 19th to the 21st century. It was understood that both the suburban territorial limits and the meaning of the word suburb have been changing throughout the urban history of the city of Rio de Janeiro. As a result, it is understood that the suburb of Rio is currently a territory with flexible limits, and it is not possible to define its perimeter exactly. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Keywords: Urbanism – Rio de Janeiro, Suburbs – Rio de Janeiro, Urban history

Research line: City and Project.

Topic: Urban morphology.

Introdução e informações gerais sobre o artigo

Ainda hoje as palavras subúrbio e suburbana(o) fazem parte do vocabulário da população carioca. Entretanto se formos rigorosos com o significado de subúrbio no urbanismo, veremos que a definição original não é exatamente a utilizada na cidade do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Há quase 100 anos atrás, o escritor Lima Barreto já identificava essa divergência entre o conceito e a realidade, conforme expressou na Revista Suburbana: “o insólito aspecto urbano que actualmente têm os nossos subúrbios – cousa que não se espera topar em paragens de tal nome” (REVISTA SUBURBANA, 3 set. 1922 apud FERNANDES, 2011: 34). Além dele, outros autores já observaram e discutiram essa diferença.

Mas se o significado original não nos ajuda mais a compreender o que é o subúrbio carioca, como definir os limites territoriais do mesmo atualmente? Para ajudar nesta reflexão, o artigo tem como objetivo apresentar um estado da arte sobre os limites territoriais do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro na bibliografia urbana. O estado da arte se faz necessário porque ainda há muita confusão sobre o assunto. Esta dificuldade apareceu para mim durante o processo de pesquisa. Mesmo sendo suburbana, não compreendi rapidamente os limites e as implicações desta palavra. Assim, o artigo visa a facilitar outros pesquisadores ao apresentar um estado da arte sobre o assunto. Como metodologia, foi realizado um levantamento bibliográfico com foco nos dados que tratam sobre os limites territoriais. Com isso, podemos investigar as mudanças que houveram no significado da palavra subúrbio e na sua localização. Como recorte temporal, iniciamos no século XIX, por conta do marco temporal desenvolvido nos livros ‘150 anos de subúrbio carioca’, organizado por Oliveira e Fernandes (2010), e ‘O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858/1945’ de Fernandes (2011). Terminamos nossa linha do tempo no século XXI, com o livro ‘Diálogos Suburbanos: identidades e lugares na construção da cidade’, organizado por Santos, Mattoso e Guilhon (2019).

1. Localização

Hoje a cidade do Rio de Janeiro está dividida administrativamente em Áreas de Planejamento (Fig. 01), são elas: Área de Planejamento 1 (que corresponde aproximadamente à Zona Central), Área de Planejamento 2 (Zona Sul e parte da Zona Norte), Área de Planejamento 3 (parte da Zona Norte), Área de Planejamento 4 (parte da Zona Oeste) e Área de Planejamento 5 (parte da Zona Oeste). A denominação das Zonas e Áreas de Planejamento será utilizada ao longo do artigo, mesmo em momentos históricos onde elas não existiam, para ajudar a fazer as conexões entre o passado e o presente.

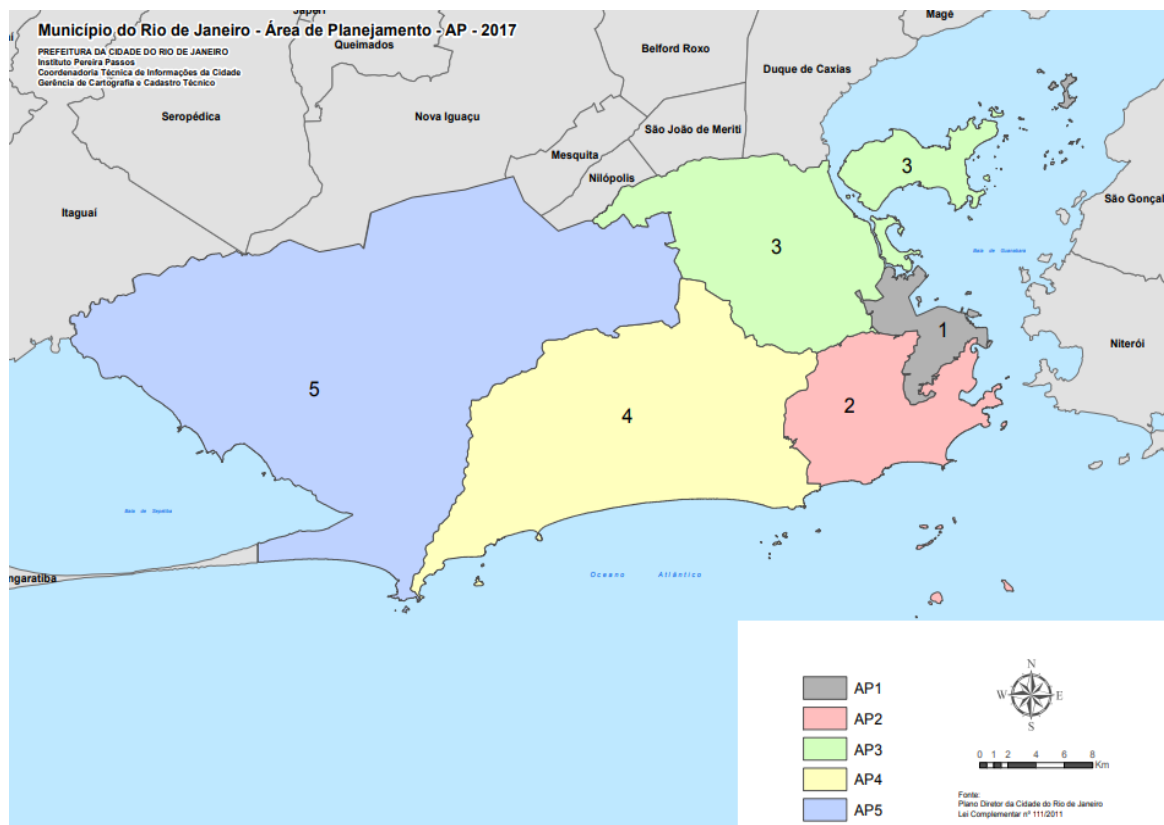


Fig. 01 Município do Rio de Janeiro – Área de Planejamento – AP - 2017. Fonte: (DATA.RIO, 2019)

2. O que é subúrbio?

2.1. Conceito

As duas principais características geográficas dos subúrbios são, segundo Soares (1990:138), a sua “menor densidade de construções” e a sua “dependência e conexões ativas e contínuas com a cidade”. Já de acordo com Fernandes (2011: 33), as características mais constantes dos subúrbios, ao longo da história, são “as baixas densidades e a localização extra-muros da cidade”.

A relação e a dinâmica entre o subúrbio e a cidade são aspectos interdependentes, não só no plano material e concreto, como também no perceptivo e imaginário. “As imagens do subúrbio aparecem em resposta às imagens da cidade” (TUAN, 2012:309). Ou seja, o subúrbio está sempre em uma posição relacional à cidade. O imaginário a respeito da cidade vai causar uma reação no imaginário a respeito dos seus respectivos subúrbios.

Quando as cidades são vistas como paradigmas cósmicos ou centros de civilidade e liberdade, viver longe delas – nos subúrbios – é estar fora dos limites, é estar em uma zona intermediária onde os homens não podem alcançar a sua plena humanidade. Por outro lado, quando as cidades são descritas como abominações,

“antros de iniquidade”, os subúrbios adquirem um brilho romântico, quando não sagrado (TUAN, 2012:309).

Apesar de algumas características norteadoras, é importante saber que os subúrbios são muito plurais. Existe uma enorme diversidade deles, podendo variar com relação “às circunstâncias em que foram criados, quanto ao preço, tamanho, durabilidade, complexidade institucional e na renda, nível educacional e estilo de vida de seus residentes” (TUAN, 2012:321). O subúrbio também pode ser entendido como uma etapa no processo de urbanização. Nesse sentido, com o passar do tempo, o lugar vai recebendo reformas urbanas - que geram o aumento da oferta de serviços, comércio, lazer e etc - até se tornar plenamente ‘urbano’ (TUAN, 2012:322).

2.2. Estrutura da palavra

No dicionário Michaelis, a definição de subúrbio é ‘Cercania de cidade ou de outra povoação qualquer; arrabalde, arredor’ e ‘Bairro situado nos arrabaldes de uma cidade, longe do centro’ (MICHAELIS, 2020). Os equivalentes de subúrbio em francês e em inglês são banlieue e suburb, respectivamente. Tanto subúrbio quanto banlieue possuem uma certa conotação pejorativa. O sufixo ‘sub’ de subúrbio indica uma posição de subalternidade dos arredores da cidade com relação ao seu centro. Já o ‘ban’ de banlieue tem dois significados: é o território que está ao redor da cidade, à um raio de uma légua (lieu), mas que ainda assim faz parte da sua jurisdição (ban); e tem a ver com o verbo bannir (banir em português), dando assim uma ideia de “condenação ao exílio, à expatriação” (EL-KAREH, 2010:19). Segundo Soares (1990:138), existem duas outras características muito importantes para o banlieue: a presença de espaços livres e o sentimento que os seus moradores têm de que são diferentes dos moradores da cidade (independentemente da classe social da qual fazem parte). Já para os americanos, o significado de suburb “independe de qualquer limite administrativo, podendo ser encontrado dentro dos próprios limites da cidade e se baseia numa especialização funcional, numa paisagem com mais espaços livres, numa dependência em relação à cidade (central city) e em amplas e contínuas conexões com esta” (SOARES, 1990:138).

Já “no Rio imperial a palavra subúrbio era sinônima de arrabalde. Ambas eram usadas para designar todos os arredores da cidade”, segundo Fernandes (2011:55). Porém, de acordo com El-Kareh, a palavra subúrbio não era usual para se referir ao território vizinho e dependente da cidade no Rio de Janeiro do século XIX. A palavra mais comum para esse uso era arrabalde, que vem do árabe ar-rabad, “que significa cercanias da cidade” (EL-KAREH, 2010:19).

3. Subúrbios da cidade do Rio de Janeiro

3.1. Século XIX: Subúrbios ou arrabaldes

No início do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro era bastante pequena, compreendendo apenas parte do que chamamos hoje de Centro. Para além desses limites estavam os arrabaldes, que eram compostos por “poucas casas espalhadas, mas, a algumas centenas de metros, ia-se ter em pleno mato ou por entre mangues” (EL-KAREH, 2010:21). A partir do relato de Debret, El-Kareh enumera os seis arrabaldes existentes por volta de 1816, entre Botafogo e Mataporcos: Botafogo, Catete, Glória, Matacavalos (atual Lapa), Catumbi e Mataporcos (atual Estácio de Sá). Neles:

De uma extremidade a outra, havia uma longa série de casas novas que rivalizavam em elegância. Essas residências eram reservadas em geral à nobreza e às pessoas ricas, nacionais e estrangeiras. No entanto, eram principalmente as casas mais bem-situadas nas colinas que cercavam a Igreja de Nossa Senhora da Glória as preferidas dos ingleses, que formavam a comunidade mais rica da cidade. Tratava-se, na verdade, de chácaras, das quais as mais ricas encontravam-se no caminho de São Cristovão, onde ficava a residência do imperador, em Mataporcos, no Engenho Novo, no morro de Nossa Senhora da Glória, no Catete ou na linda enseada de Botafogo (EL-KAREH, 2010:28).

Os arrabaldes eram o local de moradia da classe mais alta, e estavam localizados principalmente na Zona Sul e nos arredores do bairro de São Cristovão. Essa tendência de ocupação se manteve nas décadas seguintes. Logo a classe média, na tentativa de seguir o novo padrão europeu de moradia, foi viver nessa mesma área. As chácaras e sítios foram loteados e novas residências foram construídas para esses moradores. Enquanto isso, o centro da cidade era habitado principalmente pelos escravizados, pelos libertos e pelos brancos pobres. Depois de 1850, muitas antigas residências de dois a quatro andares foram subdivididas em quartos de aluguel, pensões ou cortiços, onde essa população mais pobre foi morar devido ao preço e a proximidade com o trabalho, na zona portuária e no centro comercial (EL-KAREH, 2010:28-32). Também encontramos esse mesmo significado de subúrbio em Fernandes:

Ao longo do século XIX em diversos discursos sobre a cidade do Rio de Janeiro, encontramos aquela representação genérica das circunvizinhanças da cidade, não havendo, por outro lado, sua identificação com uma condição de desprestígio social. Muito ao contrário, o subúrbio estava associado à aristocracia e a uma ativa vida econômica e social (FERNANDES, 2011: 53).

Todos os arredores da cidade, seja à norte, à sul ou à oeste, eram chamados de subúrbios ou arrabaldes. Não havia grande diferença na sua forma de ocupação e nem nas classes sociais que os ocupavam. O subúrbio ainda não era entendido como local de moradia das classes populares, nem possuía conotações pejorativas ou se referia a determinada parte do entorno do Rio de Janeiro. Alguns lugares que hoje são lidos como subúrbio (na sua concepção carioca atual) eram frequentados pela família real, como Engenho Novo, Inhaúma, Irajá e outros. É interessante pontuar que diferentemente da palavra subúrbio, arrabalde nunca foi associada à classe trabalhadora. Entretanto, apesar de não haver ainda uma ideia de desvalorização ligada às áreas suburbanas, alguns locais eram mais valorizados que outros. Por exemplo, o interesse e prestígio de Copacabana só começou a acontecer na última década do século XIX, com a implantação dos serviços de bonde (FERNANDES, 2011: 55-63).

Tanto na academia, quanto na mídia e nas artes, muitas vezes o subúrbio carioca é resumido à sua relação com os trens e com o proletariado. Também é comum encontrarmos discursos que colocam o trem como o grande responsável pelo subúrbio carioca ser como é hoje. Entretanto, de acordo com Fernandes:

Mesmo depois da instalação da ferrovia em 1858, os subúrbios do norte e oeste não perderam esta valorização social. (...) A ferrovia não se constituiu, inicialmente, um meio de transporte destinado a viabilizar a ocupação dos subúrbios pelo proletariado.

Conforme o primeiro relatório anual da direção da Estrada de Ferro D. Pedro II de 1855, o previsto para o trecho entre São Cristovão e Três Vendas (Engenho Novo), no qual a Companhia possuía larga faixa de terrenos, era a repetição do subúrbio ferroviário moderno ocupado pelas classes média e alta em cidades na Europa e nos EUA. Aqueles terrenos, em grande parte formados por colinas salubres, foram projetados para serem ocupados por chácaras e para pessoas com renda suficiente para usufruir o privilégio de tal habitat, com a comodidade de estar a vinte minutos da cidade (FERNANDES, 2011:57).

3.2. Século XX: Transformação do significado de subúrbio

O significado de subúrbio começa a mudar na época das reformas urbanas da prefeitura de Pereira Passos, no início do século XX, segundo Fernandes (2011:58). Todo esse processo histórico de mudança de significado é nomeado pelo autor de 'rpto ideológico da categoria subúrbio'. O uso da palavra subúrbio começou a ser evitado para se referir às áreas periféricas de classes médias e altas, como a Zona Sul. Isso ocorre independentemente de Copacabana, Leblon e Ipanema estarem ocupadas como "um típico subúrbio residencial das classes médias e altas" (FERNANDES, 2011:35). Porém não foi de uma hora para a outra que a mudança aconteceu, foi um processo que ainda durou algumas décadas. Por exemplo, segundo Fernandes (2011:63), na década de 1920, o prefeito Carlos Sampaio usou a palavra subúrbio para se referir à um projeto de palacetes em meio a jardins na Lagoa (Zona Sul, AP2), apesar do bairro já fazer parte da zona urbana na época.

Para Fernandes, o Plano Agache (1927) foi outro momento importante para a transformação da palavra subúrbio. Apesar dele ter sido deixado de lado em 1930, o Plano Agache influenciou o pensamento da época e algumas coisas previstas acabaram se tornando realidade, como, por exemplo, chamar apenas os bairros proletários de suburbanos. Na análise de Fernandes, o plano setorizou a cidade da seguinte forma: 1) na Zona Central ficaria o Bairro das Embaixadas, o Centro de Negócios, o Centro Bancário e o Centro Monumental 2) Nas restingas e nas praias da Zona Sul viveria a classe alta. Principalmente em Ipanema, Leblon e Gávea, que seriam uma "cidade-jardim dos desportos" 3) No restante da Zona Sul (Catete, Laranjeiras, Botafogo e Flamengo) e em parte da Zona Norte (Vila Isabel, Andaraí, Tijuca e Aldeia Campista) moraria a classe média 4) Em Santa Teresa viveriam os funcionários públicos 5) "São Cristovão e os subúrbios acomodariam 'a população operária'" (FERNANDES, 2011:65-66). É interessante observar como "subúrbios" estão de certa forma classificados como: toda a cidade, exceto Zona Central, Zona Sul, Grande Tijuca, Santa Teresa e São Cristovão. Essa setorização das classes sociais é bem próxima da configuração contemporânea do Rio de Janeiro, se considerarmos a distribuição espacial da renda per capita (Fig.02).

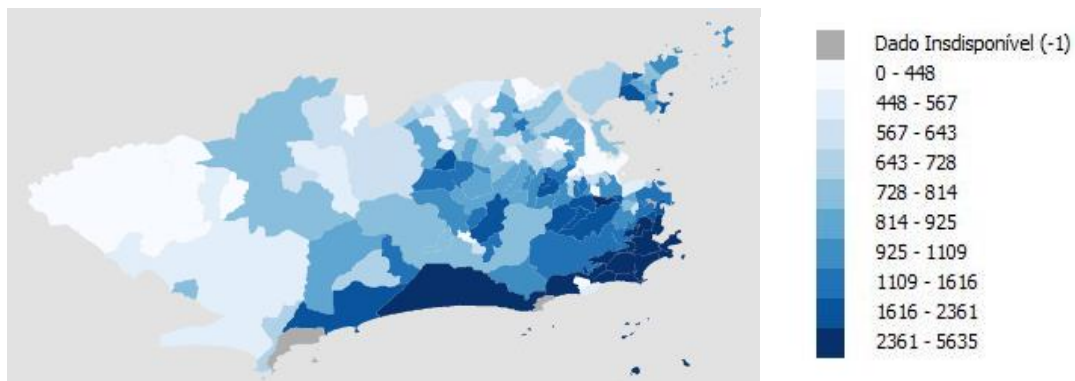


Fig. 02 (R\$) Renda per capita. Fonte: (FGV Social/CPS a partir dos Microdados do Censo 2010)

Gradualmente subúrbio para de significar todos os lugares vizinhos à cidade e passa a significar somente os territórios à norte e à oeste, com transporte ferroviário (Fig. 03). “Em termos sociais subúrbio passa a representar o espaço idealizado como lugar do proletariado e das indústrias, simbolizando o ambiente das classes sociais e das atividades rejeitadas pela cidade” (FERNANDES, 2011: 58).

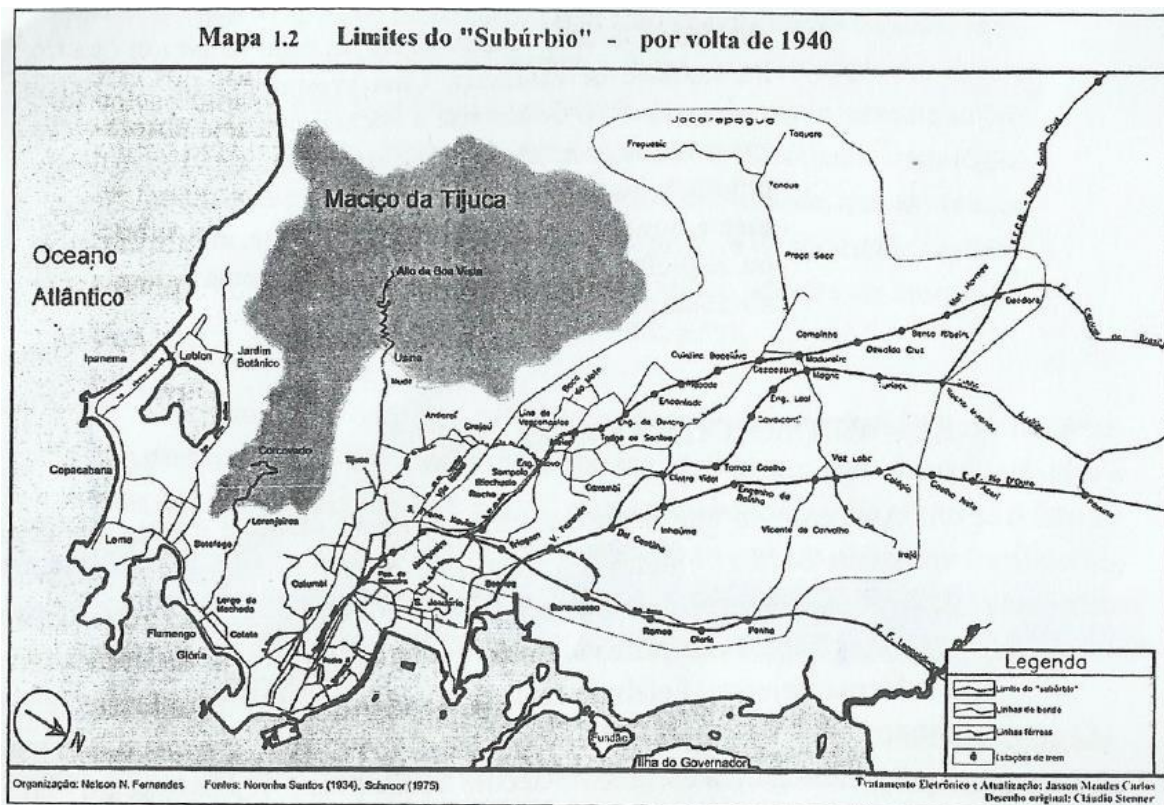


Fig. 03 Limites do “Subúrbio” – por volta de 1940. Fonte: (FERNANDES, 2011:44)

É no século XX também que começa a ser registrado um sentimento de discriminação, sentido por muitos suburbanos. Esse sentimento ainda hoje é percebido, como veremos adiante em Ribeiro e Lima (2019:253). Fernandes cita um editorial publicado na Revista Suburbana, em 1933, no Engenho Novo, para mostrar como essa ideia já estava presente no imaginário coletivo suburbano:

Há a notar o modo diferente porque sempre foram tratados os bairros, em virtude da classificação que se lhes dá: uns são chamados bairros, outros subúrbios. Aqueles sempre mereceram os desvelos dos administradores, estes jamais conseguiram despertar-lhes a atenção. Os bairros, em todos os tempos, tiveram seus reclamos atendidos; os subúrbios dificilmente conseguem a realização de suas aspirações mais insignificantes (REVISTA SUBURBANA, 1933 apud FERNANDES, 2011:67).

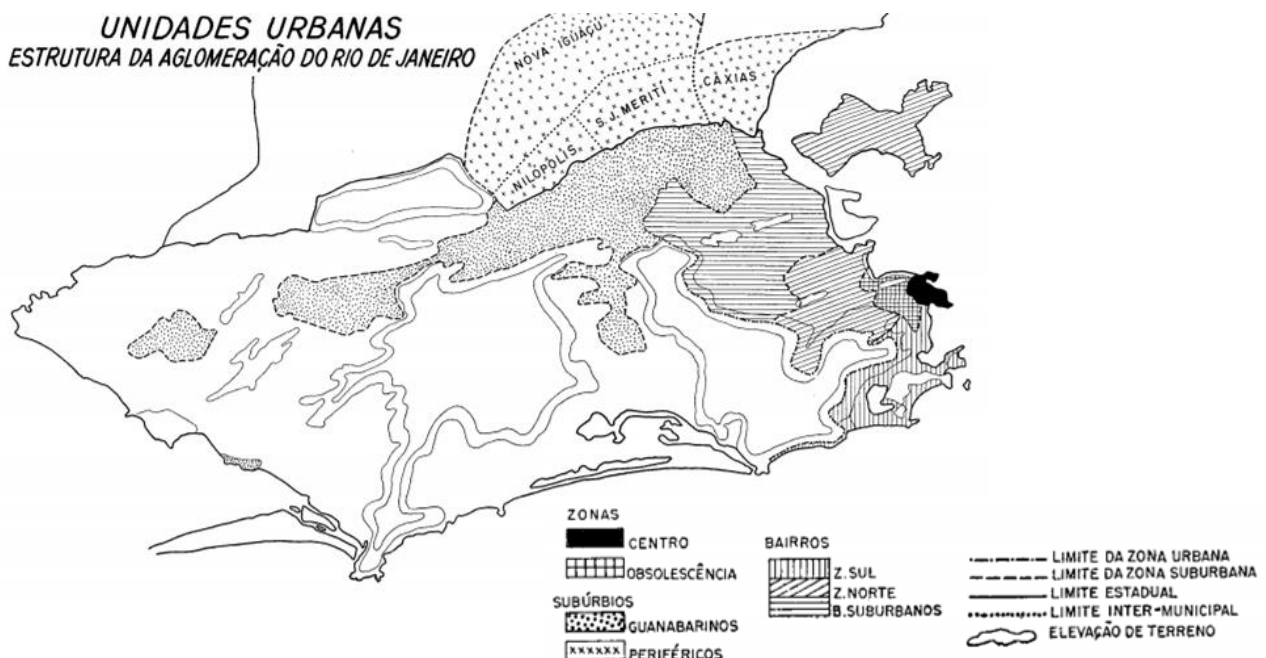
Além da associação com as classes de baixa e média renda, o subúrbio passa a ser visto como um local esquecido por muitos. Assim:

A palavra subúrbio deixa de ser apenas uma representação de parte do espaço urbano do Rio de Janeiro identificado com as classes populares para se transformar em causa explicativa da discriminação política sofrida pelos bairros chamados de subúrbios (FERNANDES, 2011:68).

Na década de 1960, devido às diferenças encontradas entre o conceito e a realidade no Rio de Janeiro, Maria Therezinha de Segadas Soares criou o conceito carioca de subúrbio e identificou as seguintes características: “concentração predial em áreas descontínuas”; lotes urbanos com vestígios do passado rural; maioria da população de baixa e média renda; estilo de vida “peculiar”; viagens frequentes dos suburbanos à zona urbana, principalmente através do trem; e “escassez de melhoramentos, o que dá à paisagem suburbana um aspecto de desconforto e desordem” (SOARES, 1990: 142).

Soares (1965: 347-373) setorizou a cidade em: zona urbana, zona suburbana, faixa pioneira urbana e zona rural. A zona urbana ficou subdividida em (Fig. 04): centro, zona de deterioração ou obsolescência, bairros da zona sul, bairros da zona norte e bairros suburbanos. Aqui os ‘bairros da zona norte’ significam apenas

UNIDADES URBANAS
ESTRUTURA DA AGLOMERAÇÃO DO RIO DE JANEIRO



“Tijuca, Andaraí, Grajaú, Maracanã, Rio Comprido, Vila Isabel e São Cristovão”. Já os ‘bairros suburbanos’ se referem às regiões do “Méier, Inhaúma, Piedade, Madureira, Irajá e Penha” (Soares, 1965: 367). É interessante observar que essas duas categorias criadas por ela posteriormente se uniram no que hoje culturalmente chamamos de “Zona Norte”. Apesar dessa aparente união, administrativamente os ‘bairros da zona norte’ de Soares hoje fazem parte da Área de Planejamento 2, juntamente com os ‘bairros da zona sul’. Já os ‘bairros suburbanos’ de Soares são da Área de Planejamento 3.

Fig. 04 Unidades urbanas – Estrutura da aglomeração do Rio de Janeiro. Fonte: (SOARES, 1965:356)

Já a zona suburbana foi subdividida em (Fig. 04): subúrbios guanabarinos e subúrbios periféricos. Os subúrbios guanabarinos se referem às regiões da “Pavuna, Anchieta, Realengo, parte de circunscrição de Jacarepaguá e os núcleos suburbanos de Campo Grande e Santa Cruz”. Enquanto os subúrbios periféricos se referem aos municípios vizinhos, “Nilópolis, São João de Meriti, e parte dos municípios de Nova Iguaçu e Duque de Caxias” (SOARES, 1965: 347). Hoje, os subúrbios periféricos correspondem à parte da Baixada Fluminense e os subúrbios guanabarinos correspondem à parte da Zona Oeste e parte da Zona Norte.

Para finalizar o século XX, trazemos uma breve reflexão a respeito do bairro da Barra da Tijuca (Zona Oeste, AP 4). Segundo Fernandes (2011: 35), o mesmo motivo que fez com que as áreas periféricas da Zona Sul parassem de ser chamadas de subúrbio no início do século XX foi o que fez a Barra da Tijuca não ser “considerada um subúrbio no linguajar comum, na imprensa e mesmo em estudos de geografia urbana” no final do século XX. A Barra da Tijuca, assim como a Zona Sul, também é uma área periférica ocupada pelas classes médias e altas.

3.3. Século XXI: Reflexões suburbanas

Para Fernandes (2011: 34-35), as características do subúrbio carioca passam: pelo seu aspecto urbano; pela sua referência aos bairros ferroviários e populares e pela sua não associação aos bairros periféricos de classe média e alta. A definição de Souza é bastante parecida, para ele, o subúrbio carioca “refere-se quase exclusivamente a bairros populares cortados pela via férrea; nunca é utilizado para indicar a Zona Sul”. O autor também faz uma correlação entre o que ele entende como limite territorial suburbano com as Áreas de Planejamento demarcadas pela Prefeitura. Desse modo, a Área de Planejamento 3 (Zona Norte, exceto Grande Tijuca) é aproximadamente “a região que corresponderia ao subúrbio” para ele (SOUZA, 2010:221).

A questão da renda parece ser muito importante na definição do que é e do que não é subúrbio carioca. Basta pensar nas distâncias entre alguns bairros da Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste com relação ao Centro. Por exemplo, Méier (Zona Norte) e Copacabana (Zona Sul) estão igualmente a uma distância de carro de aproximadamente 11km do Centro. Porém, Méier é comumente visto como subúrbio e Copacabana não. Já a Barra da Tijuca está à cerca de 30km do Centro, através do carro. Apesar disso, não é visto como subúrbio (Essas distâncias citadas foram retiradas do Google Maps). Como disse Fernandes (2011:36): “É a classe social que determina o que é subúrbio, a geografia não importa, a tal ponto de a posição excêntrica e francamente suburbana da Barra da Tijuca ser vista como um acidente, algo fora dos nossos padrões e difícil de ser admitido”.

O livro “Diálogos Suburbanos: identidades e lugares na construção da cidade”, organizado por Joaquim Justino dos Santos, Rafael Mattoso e Teresa Guilhon, reforça o tempo todo a importância de pensar nos

subúrbios de forma plural, respeitando e valorizando a sua diversidade. Esse livro foi antecedido por uma série de debates abertos e gratuitos de mesmo nome, realizados no Palácio Rio 450, dos quais tive o prazer de assistir cinco dos sete eventos que ocorreram lá durante 2019. O Palácio Rio 450 é em Oswaldo Cruz (Zona Norte, AP 3), bairro facilmente identificado como subúrbio carioca ainda hoje. É muito importante que as discussões sobre os subúrbios aconteçam nos próprios subúrbios. Não há nenhum problema que essa conversa seja levada para o eixo Zona Sul-Centro, mas é fundamental que a discussão aconteça também nos seus espaços de origem, para facilitar o acesso dos próprios suburbanos à sua história. Outro ponto que merece destaque é que muitos dos pesquisadores se declararam suburbanos, o que também é fundamental porque é um olhar de dentro. Para a discussão deste artigo, destaco o capítulo de Ribeiro e Lima. Os autores contam que em pesquisa realizada entre 2014 e 2016, “a maioria daqueles que se reconhecem suburbanos sente que seus espaços são subúrbios principalmente devido à baixa infraestrutura e ao menor poder aquisitivo em relação aos espaços não suburbanos” (RIBEIRO; LIMA, 2019:253). Ou seja, mais uma vez a renda entrando como forte condicionante para quem se entende como suburbano.

Ribeiro (2016:101-107) conta que mais de 60% das pessoas que responderam à sua pesquisa entendem o subúrbio carioca como um local caracterizado pelo seu recorte de classe ou pelo seu zoneamento. Para aqueles que se consideraram suburbanos, o recorte de classe foi o mais importante (42,85%) para a classificação do que é subúrbio. Já para os que não se consideraram suburbanos, o zoneamento foi a característica mais relevante (41,83%). Para os que se consideraram suburbanos, a Zona Norte parece ser o local que eles mais têm certeza de estar incluído no subúrbio carioca. Ao responderem a pergunta “Quando se fala em subúrbio, quais lugares você imagina?”, a resposta mais comum neste grupo foi ‘Zona Norte’ (21,4%). Já para os que não se consideraram suburbanos, houve praticamente um empate nas respostas entre ‘Zona Norte, exceto a Tijuca’ (22,4%) e ‘Parte da Zona Norte, parte da Zona Oeste e Baixada Fluminense’ (21,7%). A pesquisa foi respondida por 402 pessoas em 132 bairros.

Podemos ver que não existe uma definição fechada para o que é e o que não é subúrbio no Rio de Janeiro contemporâneo. “A partir da indefinição e da ambiguidade do conceito de subúrbios cariocas, vamos nos significando como parte de um conjunto, conforme afetamos e somos afetados” (Ribeiro; Lima, 2019:249). “Cremos que através dos afetos constituímos os subúrbios” (Ribeiro; Lima, 2019:248). Assim, mesmo que alguém não se sinta contemplado pela definição de subúrbio de outro, pela flexibilidade do termo, essa pessoa que se sente suburbana pode encontrar, através do afeto e da identificação, uma forma de entender seu bairro como suburbano também. Porém, vale à ressalva, que ainda hoje é muito forte a associação de subúrbio com as classes populares no Rio de Janeiro. Isso faz parte do imaginário coletivo carioca.

Para concluir, ressalto uma observação de Souza que acredito que os/as pesquisadores/as dos subúrbios cariocas deveriam levar sempre em consideração na hora de realizar suas pesquisas. Ele relata que “vários autores, quando empregam a palavra ‘subúrbio’ em relação à cidade do Rio de Janeiro, têm a preocupação de explicar que se referem a bairros populares, cortados pela linha férrea e situados no território da área urbana, e não à periferia.” (Souza, 2010:221). Esse cuidado é importante porque subúrbio e trem muitas vezes estão associados à classe média e alta nos Estados Unidos e na Europa (Souza, 2010:221-222). Precisamos ter em mente que muitas vezes quem lerá nossa pesquisa não está a par das particularidades da palavra no Rio de Janeiro. Às vezes um bairro que não está fisicamente na periferia do Rio de Janeiro, se pensarmos em distância do Centro, pode ser visto como subúrbio. Por outro lado, alguns bairros que estão

tão longe ou mais do Centro quanto eles não são vistos como periferia e nem como subúrbio. Corrêa diz que “como a palavra “periferia” tem sentido pejorativo, estes bairros fisicamente periféricos não são mais percebidos como estando localizados na periferia urbana, pois afinal de contas os bairros de status não são socialmente periféricos!” (Corrêa, 1989, p. 18). O autor cita os bairros de Copacabana, Ipanema e Barra da Tijuca como exemplos de “ex-periferias urbanas enobrecidas” (Corrêa, 1989, p. 18).

4. Conclusão

A palavra subúrbio muda de significado de acordo com a época e o local ao qual nos referimos. Mesmo se focarmos a discussão em um local só, podemos encontrar variações significativas ao longo do tempo, como vimos no Rio de Janeiro. No século XIX, o subúrbio, chamado também de arrabalde, se referia à todos os territórios no entorno do Centro e era habitado pela população mais abastada. Isso mudou radicalmente com o passar das décadas, tanto que hoje não vemos discursos que entendem a Zona Sul como um local suburbano.

No século XX, ocorreu uma transformação do entendimento de subúrbio no Rio de Janeiro. Subúrbio passou a ser entendido como o local de moradia da classe popular, independentemente do aspecto urbano que esses bairros pudessem ter. Gradualmente, os locais de moradia das classes médias e altas pararam de ser chamados de subúrbios, mesmo que estivessem tão longe do Centro quanto os lugares ainda considerados suburbanos. Assim, lugares como a Zona Sul e Barra da Tijuca não são usualmente vistos como subúrbios.

No século XXI, não parece ser possível delimitar com exatidão onde estão os subúrbios no Rio de Janeiro. É mais fácil definirmos o que quase nunca é visto como subúrbio: Zona Sul, Centro e Região da Barra da Tijuca. Parece que o subúrbio, além da sua relação dicotômica com o Centro, carrega também uma relação posicional a partir de cada morador do Rio de Janeiro. Ou seja, hoje a localização dos subúrbios parece depender de quem se declara ou não suburbano, ao fazer uma ponderação de acordo com a sua vivência com a cidade, dos processos que passou para entender o seu espaço como suburbano ou não. E isso vai variar de história de vida para história de vida. Porém, vale ressaltar que alguns lugares, como Madureira e demais bairros da Área de Planejamento 3, costumam ser vistos como suburbanos sem muitos questionamentos. Outros lugares parecem gerar mais discussão.

Podemos concluir que subúrbio se tornou uma palavra com significado ‘flutuante’ no Rio de Janeiro, conforme descrito por Ribeiro e Lima (2019:259). Ou seja, sempre que falamos de subúrbio carioca é fundamental especificarmos bem do que estamos falando, pois o sentido pode variar de pessoa para pessoa, além de variar ao longo do tempo. Acredito que a palavra ‘subúrbio’ no Rio de Janeiro pode se tornar uma forma de resistência em alguns contextos, como uma forma de demarcar uma experiência urbana diferente das partes mais privilegiadas da cidade. Uma palavra que une moradores de bairros distintos, mas que se consideram esquecidos pela cidade-cartão-postal. Por isso, acho que é uma decisão política manter a palavra viva, mesmo não fazendo mais sentido em termos geográficos ou urbanísticos originais.

5. Bibliografia

CORRÊA, R. L. (1989). O espaço urbano. São Paulo: Ática.

EL-KAREH, A. C. (2010). Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arredores no século XIX. En OLIVEIRA, M. P. de e FERNANDES, N. da N., 150 anos de subúrbio carioca. Lamparina: Faperj: EdUFF.

FERNANDES, N. da N. (2011). O raptó ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858/1945. Rio de Janeiro: Apicuri.

RIBEIRO, R. C. B. (2016). Rizomas suburbanos: possíveis ressignificações do topônimo subúrbio carioca através dos afetos. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU.

RIBEIRO, R. C. B. e LIMA, F. (2019). Subúrbios Cariocas, uma deriva contemporânea sobre o nosso chão. En SANTOS, J. J. dos; MATTOSO, R. e GUILHON, T. (comps.), Diálogos Suburbanos: identidades e lugares na construção da cidade. Rio de Janeiro: Mórula.

SOARES, M. T. de S. (1965). Fisionomia e Estrutura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia. — (1990). Divisões Principais e Limites Externos do Grande Rio de Janeiro. En BERNARDES, L. M. C. e SOARES, M. T. de S., Rio de Janeiro: cidade e região. Rio de Janeiro: Secr. Mun. Cultura: Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural.

SOUZA, R. R. de S. (2010). As representações subalternas dos homens suburbanos. En OLIVEIRA, M. P. de e FERNANDES, N. da N., 150 anos de subúrbio carioca. Lamparina: Faperj: EdUFF.

TUAN, Y. (2012). Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel.

5.1. Fontes eletrônicas

DATA.RIO (2019). Município do Rio de Janeiro – Área de Planejamento – AP – 2017. <http://www.data.rio/datasets/mapa-das-%C3%A1reas-de-planejamento-ap-do-munic%C3%ADpio-do-rio-de-janeiro> (consulta: 21/02/2020).

MICHAELIS (2020). Subúrbio. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sub%C3%BARbio/> (consulta: 21/02/2020).

FGV Social/CPS a partir dos Microdados do Censo 2010. (R\$) Renda per capita - População Total e Favelas Bairros - Rio de Janeiro. <https://cps.fgv.br/Renda-Rio> (consulta: 24/02/2020).